

MEMÓRIA

Os 100 anos de Miles Davis, o trompetista revolucionário do jazz

Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

Das muitas coisas que se tornaram lendárias a respeito do trompetista Miles Davis, talvez o mau humor seja uma das mais marcantes. Inúmeros são os relatos de um homem impaciente, irritadiço, que podia tornar-se francamente hostil a partir de uma simples frase fora do lugar. Mesmo no auge da fama, não fazia qualquer questão de ser amigável ou de disfarçar uma confiança em si mesmo que, para muitos, passava por arrogância - mesmo em situações nas quais seria prudente pegar mais leve. Entrou para o anedotário da música, por exemplo, a ocasião em que, durante uma recepção na Casa Branca em 1987, foi grosseiro com a esposa de um político, que o importunava com perguntas e frases vazias. "E o senhor, o que fez de tão importante na vida?", questionou ela então, com ar ofendido. "Mudei a música umas cinco ou seis vezes", respondeu o músico, agudo como uma faca.

Talvez a genialidade tenha algo de rabugento, da mesma forma que muitas belas músicas precisam de um toque de aspereza para encantar. O que ninguém discute é que, se existiu alguém com cacife para dizer algo assim a respeito de si mesmo, essa pessoa foi Miles Davis. Nascido em Alton, Illinois (EUA) há exatos 100 anos, em 26 de maio de 1926, nunca precisou pedir licença para estar entre os mais influentes e aclamados instrumentistas não só da história do jazz, mas de toda a música produzida nos últimos dois séculos, no mínimo.

Se fôssemos fazer uma lista dos numerosos subgêneros jazzísticos - bebop, *fusion*, *cool jazz*, *avant-garde* e tantos outros - em praticamente todos eles haverá a assinatura de Miles Davis. E mesmo que você ouça pouco ou nenhum jazz no seu dia a dia, o toque genial do norte-americano ainda assim estará lá - desde as microfônias do rock alternativo até o rap e o hip hop, passando pela música eletrônica e pelas ousadias estéticas da música clássica contemporânea.

Nascido em uma família negra próspera, Miles encontrou o trompete a partir das aulas com Elwood Bu-

chanan, músico da orquestra local e um exigente, mas atencioso tutor. Reconhecendo o talento do pupilo, Buchanan convenceu a mãe de Miles, que queria presentear-lo com um violino, a adquirir um novo trompete ao invés disso - decisão fundamental para o futuro do jovem músico.

Miles começou a estudar teoria musical por conta própria - parte como resposta a si mesmo após um baterista ter feito uma sugestão de arranjo que ele não foi capaz de compreender, parte como desafio ao racismo que sofria em bandas escolares e municipais formadas majoritariamente por músicos de pele branca. Foi desta forma que encontrou pontes inusitadas entre o universo erudito e a música que executava nos clubes e bares de Nova York, para onde se mudou - contra a vontade da família - em 1944. "As coisas acontecem lá", justificou aos parentes - mais uma das muitas ocasiões em que o músico de nariz empinado estava com toda a razão.

Quando *Birth of the Cool* chegou às lojas, em 1957, Miles já trazia no currículo colaborações com Thelonious Monk, Charlie Parker, Max Roach e Gerry Mulligan - mas foi a partir desse LP, mesmo sem estouro comercial, que sua carreira decolou. Depois dele, foi uma reinvenção atrás da outra. A partir de *Miles Davis Quartet e Walkin'* (ambos de 1954), as melodias do cool jazz foram abrindo caminho para as frases longas e a batida agitada do hard bop. Da parceria com o sax de John Coltrane, veio *Round About Midnight* (1957), um sucesso comercial que abriu caminho para as experimentações de ambos com o modal jazz - concretizada, no caso do trompetista, com o clássico *Kind of Blue* (1959).

No decorrer dos anos 1960, Miles Davis esteve na linha de frente do *free jazz*, incorporando o rock a partir de uma confessa admiração por Jimi Hendrix. *Bitches Brew* (1970) é o marco zero do *fusion*; *Agharta* (1975), cheio de guitarras elétricas, chega a arranhar as paredes do punk e do

Um dos mais influentes e aclamados músicos de todos os tempos, Miles Davis nasceu em 26 de maio de 1926

rock alternativo. Depois de uma breve aposentadoria no final dos anos 1970, estabeleceu diálogos inesperados com o funk, a música eletrônica e até o pop radiofônico. Como o próprio músico disse em uma histórica entrevista, "você não pode voltar para o útero de sua mãe" - uma forma ferina de descrever a própria disposição em fazer sempre o novo, o tempo todo.

Toda genialidade tem esquinas sombrias, e Miles Davis venceu várias delas. O vício em drogas veio e voltou repetidas vezes, em meio a frenesias desreguladas e autodestrutivos. Sua vida afetiva foi marcada por agressões contra esposas e amantes. Ecos tumultuosos de uma existência ruidosa e genial, que chegou ao fim em 28 de setembro de 1991, após uma hemorragia cerebral - causada, de forma não surpreendente, por um dos contumazes acessos de ira de Miles Davis.

